

A Escola Superior de Guerra no quadro do pensamento político brasileiro:  
militarismo e o pensamento autoritário brasileiro.

Douglas Biagio Puglia<sup>1</sup>

Resumo: o presente artigo tem por objetivo analisar o pensamento político da Escola Superior de Guerra (ESG) sob o princípio de que não se trata apenas de uma coletânea de ideias estrangeiras, mas que também há um conjunto de influências que se originam internamente. Assim, utiliza-se o conceito de linhagem política de Gildo Marçal Brandão e se busca a relação da ESG com os pensadores nacionalistas autoritários do início do século XX: Alberto Torres e Oliveira Vianna.

Palavras chave: ESG, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Linhagem política.

Abstract: the current article has the objective to analyzes the Escola Superior de Guerra political thought, the main idea is that we can't understand this thought only like a copy from foreign ideas, but also we have internal influences that can't be ignored. In this way, we utilize the Gildo Marçal Brandão's concept of political lineage to associate the authoritarian nationalists thinkers of the XX century's beginning, Alberto Torres e Oliveira Vianna, with the ESG's political pool of ideas.

Key words: ESG, Alberto Torres, Oliveira Vianna, political lineage.

A Escola Superior de Guerra (ESG), criada no ano de 1949, tinha por objetivo primário a discussão de temas tidos como pertinentes para o Brasil e também a formação de quadro pessoal para tomar frente na condução da sociedade brasileira, enfim, se tratava de uma instituição de elite e voltada para as elites<sup>2</sup>. Assim, a primeira questão que se faz presente é sobre os moldes de organização da

---

<sup>1</sup> Doutor em História e cultura política pela Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, email para contato: douglas.puglia@ifmg.edu.br.

<sup>2</sup> O próprio modelo de funcionamento dos cursos da ESG atestam esse fato, uma vez que apenas pessoas convidadas poderiam fazer parte de seus quadros e, normalmente, apenas aqueles considerados como elite na política e sociedade brasileira eram convidados, atestando a opção pelo elitismo da instituição.

instituição, tanto em aspectos operacionais como também em perspectivas teóricas e políticas. É indiscutível que houve uma forte influência em termos organizacionais do *National War College*, instituição americana que serviu de parâmetro para se pensar a ESG, e em termos conceituais a ideologia de segurança nacional que vigorava na época, baseada principalmente em textos e abordagens francesas sobre modelos de guerra, destaque para a forma de se entender e pensar a chamada luta ou guerra revolucionária<sup>3</sup>.

O presente artigo busca discutir, justamente, sobre as ideias políticas da ESG e as suas origens, partindo do princípio de que é inegável a influência estrangeira em suas colocações, porém, há uma contribuição significativa na formação das ideias políticas da ESG de pensadores nacionais, notadamente aqueles conhecidos como autoritários nacionalistas do início do século XX, com ênfase em Alberto Torres e Oliveira Vianna.

Neste tocante, nos valeremos da teoria de Gildo Marçal Bradão<sup>4</sup> sobre o conceito de linhagem política. Segundo ele, haveria um conjunto de famílias políticas, ou linhagens políticas, que poderiam ser percebidas na História nacional e que conduziriam o debate político-ideológico brasileiro através daqueles que poderiam ser considerados os seus herdeiros. Segundo o autor, o objetivo de seu trabalho seria o de:

[...] construir uma hipótese e armar um argumento sobre a existência de famílias intelectuais que, a meu juízo e contra a aparência imediata das coisas, estruturam historicamente o pensamento político e, por essa via, a luta ideológica e política no Brasil.<sup>5</sup>

Essas famílias de intelectuais seriam formadas por pensadores que se destacaram na interpretação sobre o Brasil e cujos escritos ou propostas tivessem algum tipo de apelo político. Pode-se dizer que os originadores destas linhagens seriam verdadeiros intérpretes do Brasil, que discutiram sobre a identidade nacional e que formaram uma espécie de *intelligentsia*, ou seja, um grupo que não se

---

<sup>3</sup> Sobre o tema é importante destacar a obra de COMBLIM, Joseph. A ideologia da segurança nacional. O poder na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>4</sup> BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: Hucitec, 2007.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. São Paulo: Hucitec, 2007, p. 15.

preocuparia apenas em interpretar, mas essas interpretações estariam repletas de proposições ou rumos que o Brasil deveria seguir para se modernizar. Essa *intelligentsia* seria imbuída de um sentimento de salvadores do Brasil, ou melhor, aqueles que teriam a capacidade de pensar e apontar rumos, uma autoimbuída responsabilidade de discutir sobre o futuro do país, já que a grande massa não teria condições ou os requisitos necessários para tal. Aqueles que demonstraram mais força ou apresentaram um discurso político mais convincente acabaram por fincar raízes e influenciar outras gerações de pensadores e instituições, formando a ideia de hereditariedade.

Essa hereditariedade, de certa forma, acaba por ser contínua, principalmente se se tratar de instituições que adotaram forma específica de pensar o Brasil, mas, normalmente, esses pensadores que tiveram mais visibilidade voltam à discussão política nacional em momentos de transformação ou de mudança de rumos. Justamente, o momento em que se poderia voltar a adotar uma determinada linha de conduta política mais próxima daquela do pensamento político proposto pelo autor. Nas palavras de Gildo Marçal Brandão:

Pode haver, portanto, íntima relação entre o caráter cíclico do interesse por aqueles “intérpretes do Brasil” e a dinâmica histórica e cultural da política brasileira, ou mais especificamente, alguma conexão de sentido entre esta explosão intelectual e a conjunção crítica – mudança global e, sob certo aspecto, concentrada no tempo que está forçando a reorganização das esferas de nossa existência e a reformulação dos quadros mentais que até agora esquematizavam nosso saber – que estamos vivendo apenas comparável aos períodos abertos pela abolição e pela Revolução de 1930. Tudo se passa como que o esforço de se “pensar o pensamento” se acendesse nos momentos em que nossa má formação fica mais clara e a nação e sua intelectualidade se veem constrangidas a refazer espiritualmente o caminho percorrido antes de embarcar em uma nova aventura.<sup>6</sup>

O conceito de linhagem política, portanto, explicita uma pluralidade de atores políticos que viriam à tona em momentos específicos e tornariam a discussão política mais rica e também mais complexa. A História teria o papel de interpretar e recriar um cenário em que os interlocutores voltariam renovados e adaptados à nova

---

<sup>6</sup> BRANDÃO, 2007, p. 28.

conjuntura, mas com grande vigor. Seria como uma nova possibilidade para que suas propostas pudessem lograr êxito frente às outras ou retomar o poder de antigamente. Seria a retomada de um grande debate feito por novos atores políticos, mas, ainda sim, influenciados por antigos formadores das linhagens políticas.

Assim, como dito anteriormente, alguns dos principais conceitos políticos esguianos foram incorporados a partir da leitura de textos clássicos de Alberto Torres e Oliveira Vianna, que tinham no autoritarismo e nacionalismo características marcantes de suas propostas e que se casavam bem com o ideário dos militares fundadores da ESG. Não se trata, porém, de uma simples influência, e sim de algo bem mais profundo: o nosso pressuposto básico é a aceção de que a ESG pode ser considerada como participante de uma linhagem política conservadora e autoritária tomando para si o discurso político dos autores citados e os adaptando à conjuntura política específica de que fez parte. Assim, cada linhagem política, pois haveria outras, teria os seus herdeiros, instituições ou pessoas que se identificariam de tal forma com um determinado ideário político que buscariam tornar-se um legítimo representante daquela forma de pensamento. A ESG faz parte de uma tradição que teve em Alberto Torres e Oliveira Vianna grandes representantes e, nos escritos, trabalhos e conferências da ESG pode ser notada a influência dos mesmos. Mais do que uma influência, pode-se dizer que os escritos políticos de Alberto Torres e Oliveira Vianna seriam textos fundadores de vários dos pilares de sustentação do discurso político da ESG.

Os textos de Alberto Torres e Oliveira Vianna foram lidos e utilizados por vários interlocutores, com isso um novo questionamento se faz presente: como atestar que ele realmente influenciou essas pessoas? E no caso da ESG, como perceber que toda uma instituição teria nesses escritos uma base fundamental de seus escritos e propostas? O primeiro ponto é destacar que o grupo de fundadores e de importantes nomes para a ESG realizaram essa leitura e também destacaram a sua importância, como pode ser visto em suas memórias. Percebe-se que foram eles que realizaram a ligação entre ESG e os pensadores autoritários. Nas palavras de Juarez Távora:

A leitura era um dos passatempos mais generalizados entre os presos. Os livros de uns passavam, sucessivamente, a todos,

quando sua leitura despertava interesse. Reli minhas coleções de Alberto Torres e Euclides da Cunha, além de vários volumes sobre a Revolução Francesa.<sup>7</sup>

Apenas a constatação de que houve a leitura de um determinado autor não certifica que o mesmo influenciou ou mesmo teve alguma importância na formação política de uma pessoa. Ao discutir sobre a questão das reformas políticas que seriam necessárias no Brasil, Juarez Távora se utiliza de um dos discursos políticos mais presentes nas obras de Oliveira Vianna e Alberto Torres: a crítica à adoção de modelos políticos estrangeiros que não seriam compatíveis com a realidade brasileira. Além da crítica a esse estrangeirismo político, também houve a menção de ser a civilização brasileira ainda muito jovem e em pleno desenvolvimento, outro elemento do discurso político dos autores nacionalistas autoritários. Juarez Távora, então, não apenas leu, mas se utilizou de vários dos discursos políticos e ideias de Oliveira Vianna e Alberto Torres, como segue abaixo:

E, ao elaborar tais reformas – nada de fetichismos doutrinários, de dogmas de política clássica, de transplantações exóticas brilhantes, de liberalismos de fachada – tudo, porém, pela lição prática do nosso século e pouco de existência independente, no afã inflexível de consultar, antes de tudo, as nossas realidades de raça em formação, de meio especialíssimo e de cultura quase embrionária.<sup>8</sup>

Geisel também destacou a importância da leitura de Oliveira Vianna e, em menor grau, Alberto Torres para a formação de suas ideias políticas. Como destaque o próprio Geisel relatou sobre a noção de país legal e país real, em que havia uma diferença e que se deveria pensar de forma mais acurada com o país real. Havia um forte sentido prático entre esses homens, e até certo distanciamento entre eles e um espírito mais bacharelesco. Nas próprias palavras de Geisel:

Li e muito, Oliveira Viana e alguma coisa de Alberto Torres. Foram grandes homens. Posso não concordar com tudo o que pensavam, mas, na essência, estão certos. O que eu trago em mim, de um lado, vem evidentemente das minhas observações e, dos dados de minha vida, da minha experiência profissional. Mas sofro muito a influência

---

<sup>7</sup> TÁVORA, Juarez. Uma vida e muitas lutas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973, p. 212.

<sup>8</sup> Ibid., p. 350.

natural dos livros que eu li. Muitos eu descartei, mas de outros incorporei certas ideias, certos princípios, certas análises. Sob esse ponto de vista Oliveira Viana é, talvez, uma das melhores figuras. Há uma grande diferença entre o mundo ideal e o mundo real. E nós temos que pensar e viver no mundo real.<sup>9</sup>

Outro ponto deve ser destacado, o espírito militar<sup>10</sup> como um todo se ajusta muito bem a muitas das propostas de Alberto Torres e Oliveira Vianna. O sistema hierárquico e a forte disciplina próprios dos militares acabam por funcionar muito bem com as propostas de centralização do poder e maior força ao Executivo; passa por uma noção de real poder de modificar a realidade. A crítica ao bacharelismo das elites civis também teria forte apreço frente ao caráter mais prático dos militares. Assim, não apenas do ponto de vista individual, ou mesmo apenas do grupo em específico ligado à cultura política dos Padrinhos do Brasil, mas a corporação militar e a sua própria maneira de funcionamento acabaria por desenvolver pontos de vista similares em relação a determinados temas, o que facilitaria para que alguns membros se afeiçoassem daquelas ideias e propostas. Com isso, não se pode afirmar, nem é o intento aqui dizer, que todos os militares teriam uma fixação por autores como Alberto Torres e Oliveira Vianna, apenas que há certa compatibilidade entre algumas das concepções desses autores com algumas proposições da vida do militar. Deste modo, não se deu de forma fortuita, ou mesmo acidental, a ESG como uma instituição que pode ser considerada como parte desta linhagem política, mas muitos dos membros que fizeram parte da ESG desde os seus primórdios e que estiveram presentes desde o início da instituição já tinham uma leitura desses autores e se identificavam com muitas das ideias dos mesmos. Também não irá certificar a ESG como participante dessa linhagem apenas porque alguns de seus membros leram as obras, a influência foi marcante nas próprias propostas esguianas e pode ser considerado como um alicerce das ideias políticas da instituição.

O primeiro ponto que une a ESG e os pensadores autoritários seria a sua necessidade por um caráter mais científico na análise do conteto nacional, não mais “achismos” ou interesses puros e simples, mas uma visão mais racional e com viés

---

<sup>9</sup> D'ARAUJO, Maria Célia; CASTRO, Celso. Ernesto Geisel. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p. 396.

<sup>10</sup> O termo espírito militar é utilizado por vários autores para designar o processo de identificação e de formação de grupo entre os militares. Neste sentido indico a seguinte obra: CASTRO, Celso. Um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

prático. Desta maneira, tanto Oliveira Vianna quanto Alberto Torres, com maior destaque para o primeiro neste sentido, não foram apenas pensadores do político, mas intérpretes do Brasil, aliás, uma de suas principais proposições era a necessidade de se conhecer o Brasil para que se pudesse alterá-lo. Conhecer a realidade que gostariam de mudar é fundamental e os autores insistem nessa tecla, porém não se trata de uma interpretação isenta, pois passível de crivo desses autores, ou seja, ela seria tendenciosa no sentido de atestar a visão de mundo e as propostas desses autores. Essa subjetividade conferiria a própria essência das ideias e o posicionamento que o autor teria frente à realidade nacional. A análise pode ter o teor científico e a proposta para tal, mas não exclui a maneira que o autor iria tratar e buscar alterar a realidade analisada. Desse ponto decresce o cientista social e passa a surgir a figura do homem político. Deixa de ser apenas intelectual para se tornar *intelligentsia*, e de simples analista para homem de ação. Essa representação fica bem clara nas palavras de Gildo Marçal Brandão, o qual, ao analisar Oliveira Vianna, discute sobre o duplo significado de método:

Delimitado o objeto, o programa agora é delimitar de qual perspectiva essas populações deverão ser abordadas, quais os aspectos de seu comportamento deverão ser privilegiados, como aquela conjugação será feita. Talvez não seja despropositado lembrar aqui que método é uma palavra usada num duplo sentido. Método é o modo pelo qual o cientista social se posiciona diante da realidade. Método é também a maneira de usar o conhecimento adquirido para mudar essa realidade, a brasileira.<sup>11</sup>

O posicionamento dos autores frente à realidade nacional seria uma postura mais conservadora. Conservadorismo aqui entendido não como o anseio de se manter uma determinada estrutura, já que havia uma vontade de mudança e transformação em seus escritos, mas na maneira de se conduzir esse processo de transformação, que, segundo os autores, deveria ser tutelado e acompanhado. Seria, portanto, uma modernização, mas com uma vertente conservadora preponderante. Os autores partem do princípio de que a sociedade estava em crise e que havia a necessidade de mudança, mas a forma de se mudar e os rumos que deveriam ser tomados era o que mais interessava. E a partir daí muitas propostas

---

<sup>11</sup> BRANDÃO, 2007, p. 80-81.

foram surgindo, os pensadores autoritários não foram os únicos a se utilizarem do discurso da crise para a proposição de mudanças. De forma geral a esquerda e a direita participavam desse grande contexto político, principalmente na década de 1920 e início de 30. E mesmo dentro do conservadorismo havia uma divisão, que mostra bem o aspecto político daquele momento. De acordo com José Luís Beired, o pensamento conservador poderia ser compreendido em três vertentes: uma católica, uma fascista e outra científicista. Os autores que aqui analisamos foram enquadrados como pertencentes ao polo científicista, que partia do pressuposto de que havia necessidade de se pesquisar o Brasil para que se pudesse realizar as proposições e alterações necessárias. Beired descreve o polo científicista da seguinte forma:

Polo científicista: congregava os intelectuais que encaravam a realidade social como um fenômeno evolutivo regulado por leis naturais. Enquanto na postura iluminista a razão era a fonte explicativa e norteadora da ação humana, na perspectiva científicista esse papel provinha do conhecimento científico. O trabalho intelectual deveria voltar-se para a descoberta das leis naturais que regiam o social, de modo a explicar e conduzir o desenvolvimento humano. O positivismo, que deixou profundas marcas no pensamento intelectual brasileiro, foi uma das expressões do científicismo. Francisco José de Oliveira Vianna e Antônio José do Azevedo Amaral são figuras representativas dessa corrente ideológica.<sup>12</sup>

A compreensão dos problemas, nesse caso, partia do entendimento da formação nacional, seria como um enorme exame que o Brasil deveria passar para que nele se pudesse aplicar o remédio adequado. Assim, a chave de compreensão estaria na história, na sociologia, na psicologia, na economia e em outras ciências que colaborariam para um melhor entendimento do Brasil e de seus problemas.

A Escola Superior de Guerra, tal como Oliveira Vianna e Alberto Torres, também tem a preocupação de entender o Brasil, aliás, a ESG nasceu como uma instituição de altos estudos que buscava melhor compreender o Brasil e, conseqüentemente, de realizar propostas para a solução desses problemas. Mas de que maneira que se pensaria em resolver estas questões? Ou melhor, qual o

---

<sup>12</sup> BEIRED, José Luís Bendicho. *Sob o signo da nova ordem*. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 23.

método que seria adotado para a análise dos problemas e a proposição de suas resoluções?

Neste ponto, já se percebe certo diálogo entre a ESG e os pensadores autoritários, em termos de uma cientificidade, de um conjunto de normas e procedimentos que deveriam ser adotados para que se pudesse melhor entender o objeto de pesquisa. Havia, portanto, um conjunto de práticas e de orientações que deveriam ser seguidas à risca, o que não significa somente ganhar um aspecto de cientificidade, mas uma metodologia clara implicaria um ganho de legitimidade do discurso que lá se construía. Os estudos não seriam, pode-se dizer, fruto de um pensamento arbitrário qualquer, mas dentro de escopo que lhes garantiria, ou tentaria garantir, maior peso e validade frente a outros grupos. Claro que, tal como os pensadores autoritários, também houve uma série de subjetividades ou de posicionamento político adotado *a priori* pela instituição, mas dentro de um método de trabalho claro. Fazia parte do curso até mesmo aprender sobre este método e a sua aplicação. De fato, era um dos pontos mais importantes dentro da formação dos estagiários da ESG.

Essa importância dada ao método, aliás, pode ser considerada como uma obsessão da ESG e se trata de um aprofundamento frente aos autores conservadores autoritários e sua linhagem. Em seus escritos havia muito mais a preocupação com o resultado do que com o método em específico. Já na ESG o método ganha mais relevo, pois não se tratava apenas de algo que deveria ser apreendido para o uso em estudos da casa, mas de um método de trabalho global que poderia ser utilizado em outras áreas de atuação. Do mesmo modo, a ESG não queria uma padronização de um modelo de ação frente aos objetos de estudo, e sim um método que pudesse auxiliar na administração de forma geral e, em especial, na administração pública. Seria a implantação de forma de trabalho geral que serviria a vários propósitos. Ora, se lembrarmos de que a ESG apenas convidava as elites dos mais variados ramos de atuação, com destaque para a política, e que havia a intenção de formação e correção das elites civis governantes, nota-se a clara intenção de expandir esse modelo de ação da ESG para outras pessoas e setores. Logo, a questão do cientificismo para a ESG vai além de se ter um método claro para a análise de um determinado problema; também seria um modelo administrativo capaz de ajudar a resolver problemas de outras esferas; praticamente

um componente dentro de um intrincado processo de disputa hegemônica do qual a ESG participa naquele determinado momento (final da década de 1940 e início da década de 1950). Portanto, o método de trabalho seria muito mais importante e influente do que simplesmente uma forma de tratamento a temas diversos. O próprio Cordeiro de Farias, de certa forma, ressalta o papel da ESG nesse sentido: *destina-se a Escola Superior de Guerra a desenvolver e consolidar conhecimentos relativos ao exercício de funções de direção ou planejamento da segurança nacional.*<sup>13</sup>

Idálio Sardenberg também destaca a importância de se estabelecer um método de trabalho para as elites nacionais e que pudesse auxiliar na resolução dos problemas nacionais:

O aspecto intelectual ou de direção é o mais importante e o mais difícil. Exige ele a existência de um grupo selecionado ou elite, capaz de assumir os encargos da direção e de administração do esforço nacional de construção. [...] Faltam-lhes o hábito de trabalho em conjunto e o condomínio de uma técnica racional de problemas, ou seja, a posse de um processo de aplicação da energia.<sup>14</sup>

A valorização de um método, então, se impõe como uma importante característica da ESG e também uma ligação com uma tradição de cientificidade que vem de Oliveira Vianna e Alberto Torres.

Outra característica que uniria a ESG e os pensadores autoritários seria a percepção de que no Brasil haveria povo, mas não uma nação. O maior problema do Brasil, de acordo com a leitura de Oliveira Vianna e Alberto Torres, seria a falta de uma nacionalidade concreta, de um sentimento ou conjunto de símbolos que pudesse agregar de fato a população e que a fizesse sentir-se como participante de algo maior. Em outros termos, o Brasil teria uma população, um território, mas não seria uma nação, faltaria uma série de componentes, sejam materiais ou mesmo simbólicos para transformar a grande massa populacional, totalmente dispersa, em um todo humano, coeso e identificado com os seus ideais e objetivos. Desta forma, compreender os problemas brasileiros, de acordo com aqueles pensadores, era

---

<sup>13</sup> FARIAS, Oswaldo Cordeiro. Razões que levaram o governo a pensar na organização da Escola Superior de Guerra. In: MYAMOTO, Shighenoli. Geopolítica e Poder no Brasil. Campinas: Papirus, 1995, p. 224.

<sup>14</sup> SARDENBERG, Idálio. Princípios fundamentais da Escola Superior de Guerra. In: MYAMOTO, Shighenoli. Geopolítica e Poder no Brasil. Campinas: Papirus, 1995, p. 233.

entender que a base de todos esses problemas perpassaria pela falta de um genuíno sentimento de nação. Pode-se dizer que este era um dado estrutural, desde os maiores problemas, até aqueles mais específicos teriam na falta de um sentimento de nação um componente prejudicial e que contribuiria para que o problema se mantivesse. A falta de um sentimento de nacionalidade pelo povo brasileiro estaria para os problemas tal como um Estado forte estaria para as soluções desses problemas. Oliveira Vianna deixa esse posicionamento bem nítido em vários momentos de sua obra, aqui uma passagem da obra *Problemas de política objetiva*:

O nosso grande mal – já o vimos – é justamente, de um lado, a ausência de um ideal nacional, a fraqueza do sentimento do interesse coletivo, a debilidade do instinto político; de outro, a exacerbação do espírito de localismo, de faccionismo e de mandonismo. Ora, tudo isso são elementos que irão naturalmente impedir que o Poder Coordenador, organizado à maneira de Torres, venha a exercer as funções benéficas que lhe cabem na vida da nacionalidade.<sup>15</sup>

Esse discurso de necessidade da fundação de uma nacionalidade brasileira é bastante forte entre os militares, e aqui nem é necessário destacar a ESG, mas os militares como um todo têm um sentimento em relação a termos como nacionalidade, nação, pátria, patriotismo, etc. muito forte. Assim, o discurso de que a população, de maneira geral, não tinha um forte apreço pela concepção de pátria já significava um apelo muito forte para os militares. Aqui, volta-se ao discurso de exclusividade e de valor que os militares usavam para se distinguir das outras categorias sociais que não se preocupariam tanto quanto eles na formulação de um país melhor. Logo, não se trata apenas da ESG, do ponto de vista militar, a desenvolver um discurso em que concordaria com essa análise dos autores nacionalistas autoritários, mas de quase todas as instituições castrenses. Nítido estava para a ESG que a nacionalidade era um dos temas centrais para que o Brasil encontrasse os seus rumos de desenvolvimento. Mais do que isso, a ESG não só adotou esse discurso como, de certa forma, subverteu-o, uma vez que a própria instituição seria a responsável por criar esta nacionalidade, ou em desvendar os traços característicos da mesma.

---

<sup>15</sup> VIANNA, Oliveira. Problemas de política objetiva. Rio de Janeiro: Record, 1974, p. 60.

Novamente, os militares foram colocados como os elementos centrais para que se pudesse gerar e disseminar esse tipo de nacionalidade ou mesmo atitudes próprias para o desenvolvimento da nação. De acordo com o documento da ESG, *A ação do Exército no programa de governo*:

O quartel, como escola destinada a preparar o cidadão, para o fim específico de transformá-lo em reservista, vê ampliar-se a sua missão fundamental, no campo social e cívico, por força de dois grandes fenômenos que caracterizavam a presente conjuntura brasileira: o da interiorização do progresso, que dá novas dimensões ao mapa populacional do País, e o da política do atual Governo, que empresta ênfase prioritária à valorização do homem brasileiro.<sup>16</sup>

Mais interessante é o próprio desenvolvimento desse texto que deixa claro que a instituição que deveria fundar e difundir essa nacionalidade seria justamente a ESG. Não de forma nominal, mas ao ser utilizado o binômio “Segurança e Desenvolvimento” como a chave para o desenvolvimento nacional, fica implícito o papel da instituição nesse processo:

Não há, sem qualquer dúvida, nenhum outro caminho para que um povo possa assegurar os seus destinos, preservar as suas liberdades e defender a sua soberania, fora do binômio desenvolvimento e segurança, como termos independentes, cada qual atuando em benefício do outro, sobretudo numa nação jovem, com uma extensa e vulnerável linha de fronteiras a guarnecer, tendo que ordenar o povoamento dos largos espaços vazios por ela abrangidos, de modo a antecipar-se às graves consequências que, do contrário, poderão advir do fenômeno da explosão demográfica desordenada sem que esteja preparada para conduzi-la e recebê-la, em termos de organização.<sup>17</sup>

A nacionalidade não seria apenas uma simples soma de população com as características de um território, vários outros fatores foram de fundamental importância para a compreensão dos problemas de nacionalidade no Brasil, e, não só a “população comum” seria a culpada, mas em grande parte também as elites. O discurso político de incompetência das elites perpassaria todos os personagens políticos aqui envolvidos: os pensadores nacionalistas autoritários deram uma forte

---

<sup>16</sup> A ação do Exército no programa de governo. Rio de Janeiro: ESG, 1968, p. 14-15.

<sup>17</sup> A ação do Exército no programa de governo. Rio de Janeiro: ESG, 1968, p. 19.

atenção nesse sentido, em relação à cultura política dos Padrinhos do Brasil; pode-se dizer que se trata de um dos seus discursos fundantes e, como consequência, a ESG se apresenta como portadora também dessa crítica.

Esse seria um dos focos de maior atenção: as elites. Nos trabalhos de Oliveira Vianna e Alberto Torres, há uma clara crítica às elites nacionais. Essas elites que deveriam ser as condutoras de todo o processo político e dos interesses nacionais, mas não havia essa possibilidade com as elites que existiam no país, ou pelo menos com aquelas que detinham o poder político no momento em que esses autores faziam as críticas. As elites não seriam apenas incompetentes, aliás, a incompetência, de acordo com os próprios autores, ainda seria um mal, porém, com uma possibilidade de “solução” mais eficaz e fácil. O grande problema seria o egoísmo e a falta de um pensamento mais em aspectos nacionais dessas elites. Ou seja, a maior crítica era em relação a essas elites pensarem apenas em seus interesses mais imediatos e elementares, não se queria algum tipo de desenvolvimento mais amplo e que realmente colocasse o Brasil em um rumo de crescimento ideal. A ideia seria responder aos interesses privados das próprias elites e de seus aliados. A formação histórica brasileira demonstra uma possível explicação desse egoísmo, segundo Oliveira Vianna, em *Populações meridionais do país*:

Não é, porém, indiferente, para essa atuação do meio rural, que a sociedade, que nele vive, se assente sobre a base da pequena propriedade ou da grande propriedade. Rural é o luso: mas, o luso não conhece a grande propriedade, formada na imensidão territorial do Novo Mundo. É o homem do pequeno domínio, filho de uma sociedade densa, concentrada, compacta, que pratica a solidariedade vicinal e urbaniza a aldeia. Nós somos o latifúndio. Ora, o latifúndio isola o homem; o dissemina; o absorve; é essencialmente antiurbano. Nesse insulamento que ele impõe aos grupos humanos, a solidariedade vicinal se estiola e morre. Em compensação, a vida da família se reforça progressivamente e absorve toda a vida social em derredor. O grande senhor rural faz da sua casa solarenga o seu mundo. Dentro dele passa a existência como dentro de um microcosmo ideal: e tudo é como se não existisse a sociedade.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Ed. Senado Federal, 2005, p. 89.

O que se percebe, pela análise dos textos, é um tipo de personalismo próprio das elites nacionais e que seria transplantado para a política. As elites seriam extremamente personalistas, orgulhosas de si mesmas, como que um misto de espírito de nobreza e sentimento de desbravadores, que culminaria em um tipo que se sentia dono de uma determinada região. Um dos grandes males dessa elite é o total descompromisso com a ideia de público e privado. O poder público seria uma simples extensão das posses dessas elites, e as maiores críticas viriam daí, já que não haveria nenhum tipo de compromisso com qualquer coisa que tivesse esse aspecto de nacional. E também havia o interesse de manutenção desse próprio sistema, não era de interesse dessa elite deixar que esse sistema fosse alterado. Esse era um dos maiores desafios: não apenas mudar o sistema político e seus problemas inerentes, mas transformar, quase que por completo, a atitude e a mentalidade das elites políticas do país naquele momento. Oliveira Vianna, ao discorrer sobre a organização partidária no Brasil, deixou claro esse personalismo e como essas elites egoístas atrapalhavam o processo de desenvolvimento político nacional.

A ESG também foi uma ferrenha crítica das elites e ao seu modo de ação, que acabaram por mais prejudicar o país do que ajudá-lo. Havia a necessidade urgente de se repensar o Brasil, o que passava pela análise e remodelação das elites nacionais. A cultura política dos padrinhos do Brasil já manifestava uma clara oposição às elites brasileiras, que eram tachadas de incompetentes, despreparadas, não possuíam sentimento nacionalista e eram também demagógicas. Em outras palavras, um elemento que deveria ser extirpado da política nacional. Esse discurso contra as elites dirigentes daquele momento, que coincidia de certa maneira com o da produção de algumas das obras dos pensadores nacionalistas autoritários, é fortificado pela visão similar que Alberto Torres e Oliveira Vianna tinham. Aliás, pelo relato de que a leitura de ambos era comum por aquele grupo de militares, pode-se inferir que houve uma influência bem anterior, o que apenas viria a refinar esse já latente ódio pelas elites. O que haveria de novo na ESG em relação à crítica às elites? O que se pode perceber é a adaptação do discurso de crítica às elites para um modelo em que se propunham moldes de transformação por que essas elites deveriam passar.

A ESG tinha e tem, como grande baluarte, a questão da segurança nacional, e foi com base nela que se propôs um novo tipo de elite. A segurança seria uma maneira de se embrenhar na política nacional, principalmente pela conjuntura externa do momento de criação da ESG, e com base nisso, grande parte das proposições em relação à mudança das elites estaria ligada a este conceito de segurança, já que não caberia somente aos militares o princípio da defesa, mas também aos civis, com destaque para as elites civis. A crítica às elites civis que foi realizada pela ESG culminou em um tipo de revisão das mesmas que obrigatoriamente deveria passar pela percepção de seu papel junto ao Brasil, mas também com enorme destaque para o papel que essas elites deveriam desempenhar em projeto de segurança nacional. Nas palavras de Álvaro Fiúza de Castro, em que ele ressaltou o valor do componente humano em tempos beligerantes:

Senhores! – Estamos fartos de ouvir que não se luta com homens contra o material bem sabemos o que traduz o fator material na guerra moderna – os ecos de Hiroshima e Nagasaki ainda refletem em nossas imaginações, ante os mais recentes aperfeiçoamentos de bombas e demais engenhos autopropulsados e dirigidos. Na verdade, o fator material constitui parcela primordial para a manutenção do equilíbrio moral e consequente atuação em proveito da vitória ou da derrota; mas, também não ignoramos que sem valor e vontade do homem, a sua cultura, a sua perseverança e demais predicados físicos e morais que lhes são inerentes, jamais conseguiremos o material para a guerra, sejam quais forem as possibilidades latentes, jazendo à mercê da cobiça e da ousadia alheia. O valor do potencial humano simboliza, sem dúvida, o valor de uma nação e a sua feição constitui índice preponderante ao encarmos quer o potencial diplomático, quer potencial econômico e, principalmente, o potencial militar.<sup>19</sup>

O segundo ponto de destaque nesse sentido é a ESG como a instituição ideal para se preparar essas elites dirigentes, que seria o próprio processo de cooptação e de formar, não apenas elites mais preparadas, mas com o perfil desejado pela instituição. A ESG se autointitulou a instituição que teria a capacidade de renovar as elites e de criar um novo tipo político que fosse capaz de responder aos problemas nacionais, e criaria a sensibilidade de perceber quais seriam os interesses da nação.

---

<sup>19</sup> CASTRO, Alvaro Fiúza de. Considerações sobre planejamentos de guerra. Rio de Janeiro: Conferências ESG, 1951, p. 3.

Era uma escola formadora de métodos de ação política e de um espírito e mentalidade que seriam tão necessários para essas elites. Muito mais do que repensar o Brasil, o discurso de crítica às elites se transformou em um roteiro que acaba por legitimar a ESG como instituição para a reformulação das elites e da política nacional, em clara comunhão de ideias com a cultura política dos Padrinhos do Brasil e também em um diálogo direto com os pensadores nacionalistas autoritários. O próprio discurso ganha claros contornos de participação do poder, para dizer o mínimo. Se uma instituição propõe modelos e interesses que deveriam ser seguidos pela elite de uma nação, ora, fica clara a sua intenção de participar diretamente do poder. A ESG construía pilares para que pudesse participar diretamente do poder político, e de maneira executiva, alcançar esses objetivos pode ser fruto para uma outra análise, mas através de sua relação com um grupo fundante (Padrinhos do Brasil), ideias balizadores (pensadores nacionalistas autoritários) e uma conjuntura que propiciou a aceitação desse discurso, percebe-se que a ESG tentou organizar um discurso que a colocaria no poder, praticamente um discurso messiânico, o de salvação da Pátria. Ainda nas palavras de Álvaro Fiúza de Castro:

Aqui, nesta Escola de saber e de civismo, se equacionam e se debatem os problemas capitais que definirão o futuro do Brasil em seu potencial nacional; aqui, se completa o aperfeiçoamento de nossas elites, cujas deduções e conclusões – oriundas de escrupulosas meditações e debates – devem ser difundidas, propagadas e levadas a termo, consoante seus esclarecimentos e patrióticos desígnios; urge não deixar arrefecer este fogo sagrado, pois o fruto de uma persistente conjugação de esforços, ante a sintonização coletiva de tão ponderável quão valiosa cooperação, concorrerá, certamente, como fator decisivo para despertar o marasmo, realçar os valores, corrigir as dispersões doutrinárias, alijar o personalismo nefasto, provocar a audácia sensata e firmar empreendimentos realistas, a fim de que seja devidamente impulsionada a nossa necessária prosperidade econômica – fundamento básico da tranquilidade e da segurança nacional.<sup>20</sup>

Há vários outros pontos em que o pensamento e escritos de Oliveira Vianna e Alberto Torres se encontram com as propostas da ESG, em que se pode notar a necessidade de um Estado forte e centralizador, que ambos achavam o mais

---

<sup>20</sup> CASTRO, 1951, p. 4.

acertado para a realidade brasileira. Da mesma forma que esse Estado teria a função, e segundo a ESG a própria missão, de conduzir e até mesmo civilizar a população como um todo. Destaque até para o conceito de autoritarismo instrumental, que não foi citado literalmente por nenhum deles, mas é um conceito que se pode perceber em seus escritos. Qual seja, a necessidade de um período de exceção ou de um modelo de governo mais rígido, como uma maneira de preparar a população pueril e atrasada para que pudesse gozar de um governo e sociedade realmente democrático, como um período de adaptação e formação civilizacional até.

Portanto, compreender a ESG não se trata apenas de olhar as influências e concepções externas, mas também entender que se trata de uma instituição brasileira e que tem em autores, realidades características tipicamente nacionais fortes fatores para que possa compreender a formação de seu ideário político e de sua participação em um quadro do pensamento político brasileiro.

#### Bibliografia.

BEIRED, José Luís Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2007.

CASTRO, Celso. *Um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

D'ARAUJO, Maria Célia; CASTRO, Celso. *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FARIAS, Oswaldo Cordeiro. Razões que levaram o governo a pensar na organização da Escola Superior de Guerra. In: MYAMOTO, Shighenoli. *Geopolítica e Poder no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1995.

MYAMOTO, Shighenoli. *Geopolítica e Poder no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1995.

SARDENBERG, Idálio. Princípios fundamentais da Escola Superior de Guerra. In: MYAMOTO, Shighenoli. **Geopolítica e Poder no Brasil**. Campinas: Papyrus, 1995

TÁVORA, Juarez. **Uma vida e muitas lutas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

VIANNA, Oliveira. **Problemas de política objetiva**. Rio de Janeiro: Record, 1974.

VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Brasília: Ed. Senado Federal, 2005.

Fontes:

**A ação do Exército no programa de governo**. Rio de Janeiro: ESG, 1968.

CASTRO, Alvaro Fúza de. **Considerações sobre planejamentos de guerra**. Rio de Janeiro: Conferências ESG, 1951.